

A violência no rosto. O *après coup*¹ dos traumas precoces*

Jacques André

Quando, ao encerrar as entrevistas preliminares, informei a Lorenzo o valor dos meus honorários, ele se mostrou apreensivo quanto ao reembolso. Informei-lhe dessa impossibilidade, ao mesmo tempo em que sugeri, se assim ele desejasse, encaminhá-lo para um colega psiquiatra-psicanalista que poderia responder à sua demanda. Após um tempo de silêncio, ele fixou o olhar brevemente nos meus olhos... Aceitava minhas condições. Muito tempo depois ele retomaria essa cena. O que o fez decidir foi ter percebido que “eu não estava nem aí”,² que estava disposto a me livrar dele. Não estava totalmente enganado. Minha ambivalência em relação à idéia de me engajar em um tratamento com esse paciente, em quem elementos ao mesmo tempo esquizóides e perse-

* Tradução de C. Lucia M. Valladares de Oliveira.

1. Com relação ao original em alemão, *nachträglichkeit*, a tradução francesa tem a vantagem, graças ao *coup*, de incluir, assinalar a dimensão essencial do trauma neste fenômeno psíquico tão particular. [*Coup*, literalmente golpe, soco (N. da T.)].
2. Na expressão *je n'en avais rien à foutre*, a palavra *foutre*, significa inicialmente “fazer”. Mais grosseiramente, na gíria antiga significa de maneira particularmente vulgar: foder.

cutórios ocupavam um lugar importante estava traduzida na rapidez da minha proposição. O tratamento começou sobre essa base transferencial perigosa: o reencontro com uma mãe indiferente, mais que hostil.

Tratava-se de uma análise? Sem dúvida, especificando que a dimensão psicoterapêutica ocupa um lugar preponderante. De maneira totalmente paradoxal, e sem que eu possa evocar neste trabalho um outro exemplo do mesmo tipo, foi uma preocupação psicoterápica que me levou a propor-lhe o divã, três vezes por semana! Eu me havia colocado a questão: no divã ou face-a-face? Cada uma das respostas tinha seus inconvenientes. A posição deitada, mais que a perda da visão que propicia, seria temerária pela possibilidade de um retorno esquizóide, bem como da ameaça persecutória. A homossexualidade de Lorenzo acrescentava uma zona de incerteza, entre a erotização do “por detrás” e o argumento do risco paranóide. Mas o face-a-face convocava uma violência visual destrutiva que ele tornava imediatamente perceptível. Havia refeito a dentição e imaginava que seu interlocutor só olhava para os seus dentes, tão brancos quanto falsos. Mais tarde evocará cenas de grupo: no momento em que estava falando “espontaneamente”, de repente capta um olhar oblíquo que friamente o “coloca a nu”, um olhar “entomologista” que o penetra de maneira selvagem e “o enraba”.

As psicoterapias proliferam, a cada dia nasce uma nova forma. A dança, o amor, as flores... Não há nada que possa servir-lhe de *médium*. Todas contestam de uma maneira ou de outra o privilégio da psicanálise, entretanto há um vasto território que elas lhe cedem sem combater: o da violência da psique e do poder desmedido da realidade do inconsciente.

Antes de reencontrar a normalidade social, que era a da sua vida quando me procurou, Lorenzo havia passado por tudo: uma vida de errante logo após a adolescência, a prostituição, a *défonce*³ e alguns pequenos delitos. O tratamento de Lorenzo não é o tema desta comunicação, apenas o evoco pela questão que coloca: *a do tratamento psíquico, a começar pelos autotratamentos, de grande violência interior.*

Em um artigo ao mesmo tempo desagradável e apaixonante, “X S M”, Robert J. Stoller (1991) relembra seu encontro com alguns representantes da comunidade SM de Los Angeles. A viagem é impressionante, entre martelos e pregos, a quilômetros de distância das delícias rousseauianas da “palmadinha”. Stoller faz a seguinte constatação: dentre as pessoas que entrevistou, as mais engajadas no sadomasoquismo físico, as mais voltadas para a dor corporal, todas

3. Em francês, a palavra *défonce* é utilizada entre os drogados para designar a pessoa sob efeito de droga. [Em português corresponde a “estar chapado” (N. da T.).]

conheceram na infância graves doenças provocando sofrimentos impossíveis de serem apaziguados e necessitando terríveis intervenções médicas. A perversão é a vitória delas, que testemunha da transformação, da erotização vitoriosa do mais violento dos suplícios em dor voluptuosa. O que parece uma resposta “simples” nos exemplos citados por Stoller, um trauma precoce precisamente captado e sua solução perversa através de um tratamento psíquico onde prevalece a identificação com o agressor, encobre muitas vezes uma forma complexa e enigmática. A simplicidade, a eficácia da perversão, quando é fortemente constituída, dispensa na maioria das vezes a necessidade de engajar uma psicoterapia. É Stoller quem vai ao encontro dos grandes SM de Los Angeles, e não o contrário. Em contrapartida, se Lorenzo procura um psicanalista, é porque nele o sofrimento é maior. Certamente, nele os elementos sádicos e masoquistas estão claramente em ação naquilo que poderíamos chamar de seu fantasma de base: uma cena de estupro da qual foi objeto por parte de um bando de estúpidos. O *fist-fucking* faz ele sonhar, mesmo se ele não tem nenhuma prática. A vida que partilha há muitos anos com um homem que encontrou em uma noite de prostituição, um homem que poderia ser seu pai (ou sua mãe), é uma vida apenas conjugal, sem sexualidade. Sua própria vida sexual foi progressivamente reduzida ao onanismo; a internet é o seu único parceiro. A atividade é cotidiana, compulsiva.

Não há dúvidas de que a problemática do trauma precoce está no cerne da vida psíquica de Lorenzo, mas não são alguns murros dados pelo padrasto que podem servir de explicação. Um fantasma, mais que qualquer outro, se aproxima do enigma, *imagina-o*: é a seqüência de um filme que por acaso chamou sua atenção e que de tempos em tempos ele relembra no momento da masturbação: um soco golpeia um rosto, repetidamente, regularmente e na medida que os socos são dados os traços do rosto perdem sua clareza, se escurecem, se destroem, se apagam... O tratamento já havia começado há um bom tempo quando essa imagem foi evocada; alguma coisa deve ter estado intuitivamente presente na ocasião de nossas primeiras entrevistas, alguma coisa da violência no rosto. Ele gostaria de ir para o divã, imaginar os socos mais do que recebê-los no rosto; pensei como ele.

*

Trauma... o leque de acontecimentos que a palavra recobre ameaça a coerência da noção. Qual a relação entre o soldado que tendo retornado do Iraque, para a sua tranqüila cidade do Kentucky, se joga no chão quando ouve o barulho de um carro, e a criança pequena confrontada com a ausência da mãe? É, no entanto, a conformidade psíquica dessas experiências disparatadas que chama a atenção de Freud, mais do que sua heterogeneidade. “Além do princípio do prazer” (1920) abre-se com os traumas de guerra, a colisão ferroviária e encadeia

sem transição com a saída da mãe (*forsein*, ter saído) e o tratamento da prova pelo jogo (*fort/da*) da criança com a bobina.

O abandono da teoria da sedução, em 1897, havia levado para segundo plano a etiologia traumática; seu forte retorno a partir de 1920 marca ainda hoje, na teoria e na prática, a experiência psicanalítica. Em “Análise terminável e interminável”, Freud (1937) escreve: “a correção *après coup* (*die nachträgliche korrekfur*) do processo do recalçamento originário seria, portanto, a operação propriamente dita da terapia analítica” (p. 242). Há duas formas de compreender essa frase tardia, a primeira apenas abarcando a simples repetição daquilo que Freud reproduz há quarenta anos; a segunda capta uma verdadeira atenuação da perspectiva prática, uma reviravolta testamentária, ainda que para exceder a intenção do autor. Prefiro a segunda hipótese. Entre as duas interpretações, não é *après coup* que faz a diferença, porém bem “originária”. A retirada, a supressão *après coup* do recalçamento, o recalçamento propriamente dito, que é sempre um “pós-recalçamento”, Freud sempre definiu em termos de finalidade prática. A frase de 1937, ao mesmo tempo que desloca o que está em jogo em direção ao originário, aumenta ainda mais a dificuldade, fala de “correção” mais que de “eliminação”, e se conjuga à hipotética condicional.⁴ O próprio do recalçamento originário é que ele não conheceu o recalque, que permaneceu um traço, uma cunhagem⁵ não tratada, não corrigida. É, portanto, consignar ao tratamento o papel de vencer lá onde o pós-recalçamento fracassou! Salvo não recalcar, claro, mas transformar...

Como assinala Freud (1914-1915), “... um recalçamento não é a mesma coisa que rejeição” (p. 77), ele transforma o que toca, faz das mais delicadas das mães uma puta e uma bruxa e do mais carinhoso dos pais um déspota oriental. O fantasma inconsciente é o elemento do recalque. É um material transformado pelo auto-erotismo, um já-simbolizado que o trabalho da análise procura atualizar, liberar daquilo que o entrava. As incidências mudas do recalque originário assinalam, ao contrário, o fracasso dessa metamorfose. O recalque propriamente dito, secundário, é a imagem da larva vulcânica que procura uma saída; a incidência do recalque originário é como um grão de areia que provoca descarrilamento em uma linha férrea ou um risco que faz repetir o disco. Entre o recalque originário e o pós-recalque (ou recalque propriamente dito), o fenô-

4. O condicional empregado por Freud (“a correção *après coup* do processo de recalçamento originário seria [*wäre*] portanto, a operação propriamente dita da terapia analítica”) contrasta com o presente dos enunciados anteriores, esses que atribuem à análise o papel de suprimir o recalçamento, o pós-recalçamento (cf. entre muitos outros exemplo, a XVII lição de introdução à psicanálise, na *OCF XIV*).
5. No sentido de uma “cunhagem” de dinheiro.

meno do *après coup*, auxiliar propriamente decisivo do auto-erotismo, faz a diferença. O *après coup* divide o trauma em dois tempos, desloca a fonte traumático para o lado da realidade psíquica, critica uma representação rudimentar e linear da causalidade, ocupa um papel fundamental no processo de historicização.

Não se pode separar as palavras de Freud, redefinindo a tarefa prática, de seu contexto: “Análise terminável e interminável”, é ao mesmo tempo um debate com Ferenczi (1931) e uma homenagem póstuma ao amigo duplamente perdido, na morte e na divergência. O psicanalista húngaro escreve: “... não se pode ficar satisfeito com nenhuma análise que não tenha trazido a reprodução *real* dos processos traumáticos do recalque originário” (p. 102). Entre “real” e *après coup*, um mundo separa os dois pontos de vista. Mas antes da separação, há aproximação. Freud acompanha Ferenczi em seu percurso em direção aos traumas precoces. Ele mesmo assinalará a solidariedade entre as formas alucinatórias da repetição e as experiências pré-verbais. Mas não é porque o analista é a mãe, o que a alucinação quer dizer, que ele deve se tomar por ela. Não se pode ao mesmo tempo *tratar* a sedução e permitir a análise, o desligamento. O desconhecimento do efeito de *après coup* coloca Ferenczi num impasse trágico.

O modelo traumático retorna a partir de 1920, mas trata-se ainda do mesmo trauma?

Um seio que “deglute” mais que alimenta, tal poderia ser a imagem transbordante e emblemática do trauma precoce, primeira versão de Freud.⁶

Emma na mercearia, o pequeno Hans na cama de sua mãe ou a criança russa (Homem dos lobos) seduzida por seus pais na hora da sesta, é sempre pelo excesso sexual que o adulto faz efração no mundo freudiano da infância. A “paixão” de Ferenczi participa do mesmo elemento, como as mensagens comprometidas pelo seu inconsciente que o adulto, versão Laplanche, endereça à criança. Tal qual uma “infecção”, o sexual contamina um corpo psíquico desprovido da resposta imunizadora adaptada.

Isto sobre o qual Jean Laplanche fará teoria geral se encontra em Freud na forma de algumas notas esparsas, presentes do início ao fim, de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) ao “Esboço de psicanálise” (1938). Dentre esses textos atualmente muito citados, desde que o ponto de vista intersíquico seja verdadeiramente tomado em conta, evoco apenas a passagem dos “Três en-

6. A experiência vivida de satisfação, in Sigmund Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess 1887-1904*, p. 626. Freud teria cometido um lapso, ao escrever *Nahrungseinfuhr* (introdução, deglutição) no lugar de *Nahrungszufuhr* (provisão). Como assinala Jean Laplanche, é ainda mais “verdadeiro” com o lapso do que sem ele (*La révolution copernicienne inachevée*, n. 52, p. 27).

saios...”: O “comércio”⁷ da mãe (no momento precoce, o adulto é muitas vezes ela) com a criança enredado nos cuidados dados de “sentimentos provindos de sua própria vida sexual” – tal é o encaminhamento empírico através do qual se inscreve o fantasma da cena primitiva. Se a criança encontra nessa troca “uma fonte inesgotável de excitação sexual”, é que a mãe por seu lado o acaricia, abraça, embala “de maneira totalmente clara” como “substituto de um objeto sexual total” (p. 161). A mamada da criança no seio da mãe não é o protótipo de toda relação amorosa porque esse seio “deglutido” não se contenta em alimentar, ele prova seu próprio prazer. A experiência de satisfação não é privilégio apenas da criança. Winnicott (1989) proporá uma figura patológica dessa disposição traumática geral. Protegida pelo seu próprio recalçamento, a mãe freudiana só vê carinho onde se desdobra, sob a cobertura dos cuidados, sua sensualidade. Mas uma vez ultrapassada essa barreira, sedução e destruição não conseguem mais se separar. A anorexia do bebê, diz Winnicott, é o sinal: pela sua recusa em comer, a criança tenta escapar “à sedução”, a isso que tornou-se uma “satisfação oral separada”, para tentar restabelecer de maneira paradoxal, e até mesmo absurda, a ordem da necessidade; restaurar o vital contra o sexual ao não mais comer! (p. 213-214).

Nesse campo, o do sexual, o fenômeno do *après coup* está em domínio conhecido, é onde tem o melhor efeito. A primeira impressão que reproduz e transforma é uma *excitação* que permanece incontrolada, não metabolizada. Essa abordagem clássica, inspirada do modelo histórico, exige, é claro, ser confrontada com os acasos de vidas singulares e com a variedade de destinos psicopatológicos. Impossível estabelecer uma equação com resultados entre o sexual e remanejamento-*après coup*. Refletindo sobre os traumas precoces, o próprio Freud (1939), dá o exemplo de uma jovem, objeto de uma sedução na primeira infância, e que se mostra incapaz de organizar sua vida sexual ulterior de outra maneira que não seja provocando agressões do mesmo tipo (p. 163). Fixação tão irreversível que uma pegada, compulsão a repetição... a plasticidade do sexual infantil nunca é assegurada, por vezes reduzida a um deslocamento mínimo, uma inversão, quando recorre ao mecanismo rudimentar da identificação ao agressor. É exemplar na perversão, lá onde prevalece a imobilização do sexual (infantil) na sexualidade (adulta), e o encadeamento desta no cenário-acorrentado de um fantasma onde o objeto é menos variável que indiferente. O perverso é um condenado.

A transferência segue, aqui, capaz de desfazer a repetição monocórdica e deixar surgir o acontecimento, não conseguindo sair da sua rotina. A precocida-

7. Em alemão: *Werkehr* (GW, V, 124), com a mesma conotação sexual que em francês.

de do trauma, a dimensão dos estragos, a margem muito estreita deixada à criança para interpretar aquilo que acontece com ela, o azar que cola em sua vida. Não terminaremos mais de fazer o inventário dos obstáculos à transformação. Se a esperança psicanalítica persiste é porque é necessário dois para que haja um trauma, no momento da primeira impressão como no do *après coup*, da transferência e da contratransferência.

A dificuldade aumenta mais ainda quando o sexual desabita a cena, ao menos manifestamente... Acaba-se de mudar de mãe, e de seio. A mãe freudiana aleita, da mesma maneira que abraça, cobre de beijos e oferece o seio generoso. Pode acontecer de ela exagerar, que o amor materno se expanda em “veementes carinhos”, que a criança lhe sirva de objeto transicional (Freud, 1909-1910, p. 143). Se ela se nomeia Catarina e o bebê se chama Leonardo, artista polimorfo se disto ele é, é possível consolar-se pensando que existem destinos piores. A outra mãe, aquela que perfila a obra de Winnicott, também aleita. Seus braços podem corretamente sustentar e portar, como se deve, mas sua psique: não! A criança direciona seus olhos para ela, olha o seu rosto, mas ela (não) vê nada. Sobre tudo, ela não se vê. Seu próprio prazer, ausente ou desaparecido, não lhe envia ao seio, e por isso priva-a. Onde ela está? Sem dúvida, no profundo da sua depressão, em um alhures que é também um “lugar nenhum” (Winnicott, 1965, p. 155), a menos que esteja ocupada pela morte, por um morto. O seio no qual a criança mama é um seio gelado que destila o leite negro da melancolia.⁸ Esse seio, esse seio frio, é sempre mau. O outro, o seio (muito) quente, é bom e mau. Mas existe “mau” e “mau”: um tem gosto de cinzas, enquanto o outro é perigoso como a paixão. O bebê imaginário de Freud que grita, ganha pelo seu triunfo maníaco: “Eu sou o seio” (*portanto eu sou*), acaba de mamar o segundo dentre eles. Ser, em psicanálise, é uma abreviação de ser-amado – ou ser-odiado.⁹

8. O interesse privilegiado acordado por Winnicott à mãe que falha não significa evidentemente que ele ignore a outra, a que transborda, mas quando evoca a sedução desta é menos para assinalar o desmedimento do sexual, a paixão do adulto, que para acentuar a “violação” do eu do bebê: a mãe pode “satisfazer uma necessidade oral e, fazendo isso, violar a função do eu do bebê... Uma satisfação oral pode constituir uma sedução e um traumatismo se ela é oferecida a um bebê sem a cobertura do funcionamento do eu” (*Processus de maturation chez l'enfant*, p. 11).
9. O ódio cria o objeto, ele o “objeta”. Seu paradoxo é que põe, afirma e reconhece, ao menos tanto quanto procura negá-lo, aquele que visa. A ligação de ódio é capaz de uma permanência que o laço de amor mostra mais raramente. A fragilidade psíquica do *ser*, até o vacilo da identidade, resulta sem dúvida menos do amor ou do ódio que da indiferença. Difícil de *ser* falta de ser-investido.

Uma criança é levada por uma “tempestade de afetos”; um outro é afogado em um vazio abissal. As primeiras impressões não são da mesma natureza, aqui excitação, ali... branco, vazio, buraco, ausência, perda, destruição, ira. A qualidade, não apenas a quantidade, as diferencia. Não há nenhuma razão para que seus tratamentos psíquicos – autotratamento e tratamento analítico – dependam de uma mesma dinâmica, nem que a efetividade do *après coup* se coloque, nos dois casos,¹⁰ nos mesmos termos. Tanto a mãe freudiana é uma sedutora, “objeto do primeiro e do mais potente dos amores” (Freud, 1938, p. 59), quanto a sedução, sua cena, seu fantasma não são constituídos na segunda possibilidade. E, no entanto, a surpresa clínica se renova a cada encontro: nada liga, nem retêm, nem imobiliza, nem *captura* mais que o não-investimento do qual se foi (paradoxalmente) objeto! Até fixar as condutas, determinar as escolhas, sem mesmo falar da construção dos sintomas, principalmente estes que esposam a forma dos funcionamentos aditivos. Assim que Ida, uma jovem paciente, foi ao canil adotar um animal, escolheu o mais solitário, o mais feio, o mais abandonado, aquele que seguramente ninguém jamais desejaria. E porque ele se perde rapidamente, ou se deixa atropelar, ela retorna para procurar o seu duplo. Também os homens de Ida, que ela “cata” mais que encontra, têm ares de cães errantes.

Em nenhum momento o tratamento de Lorenzo terá permitido encontrar cenas, cenas cuja simples violência teria permitido se fazer uma imagem do trauma precoce. Uma cena, no entanto, ilustra (ilustra e não “explica”) essa “violência” muito particular que ele sofreu e da qual ele é paradoxalmente constituído. Ele tem entre cinco e seis anos quando seus pais se divorciam – as datas aproximativas, como suas raras lembranças de infância, não é falta de memória, mas sobretudo falta de história. Seu pai não faz nada para levá-lo com ele; 15 anos mais tarde, no momento dos reencontros, terá dificuldade em reconhecê-lo, em distingui-lo de seu irmão. “Você é qual?”. A mãe não se mostra mais preocupada com o filho que o pai, ela lhe diz: “Faça como quiser, se prefere siga seu pai” – é mais ou menos isso que eu repetia, sem que soubesse a cena de instauração da análise: “se quiser posso encaminhá-lo a um colega”. Ele ficará com ela por falta de escolha. Não é raro que a indiferença seja a máscara neutralizada do ódio. Mas o inverso também existe, quando a indiferença, quando nada é primeiro, e o ódio somente consequência. Quando se levanta do divã, Lorenzo leva tempo para se refazer e ajustar suas roupas, obrigando-me a esperá-lo. Ele vive cada final de

10. É necessário precisar que “dois” está aqui a serviço de uma “oposição” deliberadamente limitada e simplificada. O rosto do ser próximo oferece muitas outras possibilidades: rigidez, máscara do ódio etc.

sessão não como uma separação, mas como um ser posto na rua. Sua hostilidade é palpável, mas o que ele faz é reagir à indiferença daquele que “não está nem aí”.

A impressão deixada pelo “nada” não é menos indelével que a deixada pelo excesso. Isto que “não existe” faz um buraco na cadeia de sentidos, e é com esse buraco, como assinala André Green (1983), que o sujeito se identifica (p. 235). De lá a “beber em excesso”,* ou “estar chapado”,¹¹ resta apenas um passo fácil de ser ultrapassado. Uma má tradução de Winnicott contribuiu em muito, nesse ponto, para uma verdadeira atenuação teórica (até mesmo prática) e discutível. Porque seus pacientes sofriam de “carências” remontando às primeiras trocas da vida, o desejo neles era enviado à ordem da necessidade. Ora, Winnicott não escreve *deficiency*, mas *failure*. Não “carência”, mas falência, fracasso. A carência faz apelo a um complemento, de vitamina ou de amor. Daí a responder pela espera transferencial, a ser a “mãe carinhosa” que fez falta, a “brincar de mães”, no que Ferenczi¹² acreditou – para rapidamente se dar conta de que quanto mais se dá mais se falta, “a fome vem ao comer”, e constatar que um procedimento destinado a encurtar o exercício ameaçava tornar a análise interminável (Ferenczi, 1931, p. 107-108).¹³ Afora as situações de penúria, o recém-nascido não conhece carências. As falências, fraquezas do ambiente humano, isto sim, sem sombra de dúvida. A melhor das mães é apenas *good enough* – a pior é “perfeita”. Ainda que o *holding* falhe, permanece por inteiro a questão daquilo que devora na brecha assim aberta. O autotratamento por meio de funcionamentos adictivos – a começar pela primeira de todas as adições, a adição a outrem, a sua presença que produz uma demanda sem fim: “você me ama?”, que exige a presença contínua do analista ao mesmo tempo em que a vive como se fosse insuportável –

* Em francês, *comme un trou*, pode ser traduzido no sentido próprio “como um buraco”, no sentido figurado, “em excesso” (N.da T.).

11. Em francês *défoncer* no sentido próprio “perfurar o fundo, fazer um buraco”, no sentido figurado “se chapar”.

12. A “nota de adeus” escrita por Freud por ocasião da morte de Ferenczi é terrível, quando associa a morte do psicanalista húngaro à sua marginalização progressiva, esta tendo a sua “necessidade soberana de curar” e, a outra, o “desejo jamais estancado de um amor de criança”. Ferenczi “viciado” em cura (S. Freud. *OCF*, XIX, p. 313-314).

13. Cf. Artigo de Adam Phillips, “Jouer les mères”, in *Nouvelle revue de psychanalyse*, 45, 1992. Quando o psicanalista húngaro (ou inglês, posto que a crítica de Phillips visa Winnicott) faz papel de mãe, o psicanalista francês (particularmente na trilha de Lacan) faz voluntariamente o papel de pai, até mesmo na teoria, quando sustenta a essência paterna da transferência. Esse ponto de vista não é mais defensável do que o que consiste sempre em *responder* de um lugar delimitado na direção transferencial.

esse autotratamento sugere uma primeira resposta: nada se assemelha mais à adicção do que o constrangimento da repetição, essa face sombria da experiência pulsional. Não é porque a adicção reveste as aparências da necessidade que ela participa de sua economia, ela é principalmente o desvio. O próprio de uma necessidade, quando é vital, é ser apaziguada assim que satisfeita. No retorno da caravana, o camelo pode beber durante horas, mas ele pára uma vez recompostas suas corcovas. A garrafa de bebida alcoólica, o tubo digestivo da bulímica são buracos sem fundo. À dupla de oposições, bem acordada, do desejo e da necessidade,¹⁴ poder-se-ia talvez substituir à do desejo e da exigência. O sentido primeiro de “exigir” é fiscal, tão persecutório quanto o imposto: demandar imperativamente o que é devido. A exigência demanda muito, ela é muito demandadora, acredita mais na satisfação do que em se abrandar. Impossível contê-la, insuportável, tirânica, a exigência faz com que os desejos se tornem ordens.

Que esperança de *après coup* deixa tal peso de repetição? Esse tipo de trauma precoce é divisível por dois? O acontecimento pode quebrar a linha contínua desse retorno lancinante do mesmo? Pode-se passar da ladainha à história? Não existe resposta simples a essas questões que incomodam. Deve-se contentar em sustentar, conter, tratar, curar um pouco, curativos aos ferimentos... O trauma precoce convoca a uma reflexão original sobre a forma do eu. As “esperas” feitas a ele, quando é apenas um “ser de fronteiras” em via de traçado, são esperas *narzisstische kränkungen*, feridas narcísicas (Freud, 1921-1923, p. 179; 1939, p. 161). Para se amar a si mesmo, como indica a forma refletida do verbo ou do poema de Ovídio, faz-se necessário ser dois: ora, esse valor nunca é perfeitamente assegurado. Antes de tudo clivagem patológica, o narcisismo cliva o eu de maneira comum. Pode-se levantar o braço direito dez vezes diante do espelho, o que está em frente dá um jeito de ser desagradável e levanta sempre o esquerdo. Ao menos, se nele se reconhece, já é alguma coisa! Mas quanto a amá-lo... É o prazer, os prazeres dos dois protagonistas que permitem ao bebê se ver, se identificar, se amar, no espelho do rosto materno.¹⁵ O narcisismo da ferida vem lembrar que a libido, longe de estar ausente de tais configurações é, ao contrário, mobilizada continuamente até o esgotamento. A dificuldade prática não nasce da ausência do sexual, mas da sua paralisia, inteiramente contida a defender, reparar,

14. O próprio Winnicott não escapa a essa parte da crítica. Talvez por ter negligenciado muito, no nível da teoria geral quando não dos exemplos clínicos, de levar em conta o inconsciente materno.
15. Seria uma formulação possível: a primeira identificação é aquela da qual se é o objeto, e a identificação primária, a reflexão, o movimento refletido dessa primeira identificação. A identificação primária é, ela mesma, segunda.

investir fronteiras espezinhadadas, construídas em perdas puras das barragens contra o Pacífico. O eu é também um objeto libidinal, isso que o narcisismo quer dizer, mas este não é um objeto como qualquer outro; diferentemente do objeto do fantasma, do objeto exterior, ele não é substituível. Somente a morte nos livra disso, um pouco tarde.

A ênfase no desenvolvimento, a maturação, pode ter feito pensar que a problemática do *après coup*, essa do *après coup* que permite que as cartas sejam redistribuídas, estaria ausente em Winnicott, mas não é nada disso. A palavra não está, mas a coisa sim, designada pelo nome de uma impressão violenta: *breakdown*, desmoronamento.¹⁶ Quando constrói sua teoria geral, Winnicott coloca as coisas em ordem cronológica. Ele descreve um bebê em seu ambiente e acompanha a progressão, ou a destruição, ao longo das etapas da vida. Nesse momento da teoria, o *après coup*, que coloca o tempo no sentido de cima para baixo, efetivamente não tem nenhuma chance de aparecer. Se é apenas esse bebê, Winnicott (1990) nunca o observou, nem o viu crescer. Certamente, ele foi também pediatra e psicanalista de crianças. Mas ele tem o cuidado de precisar: é a experiência analítica com pacientes adultos *boderlines*, as regressões que se apresentam, que lhe permitiu apreender aquilo que as hipóteses teóricas testemunham (p. 192-193). O que vê o bebê quando está mamando no seio? “Para responder a essa questão”, escreve Winnicott (1975), “devemos apelar para a nossa experiência com os analisandos que retornam a fenômenos muito precoces, impossíveis de serem verbalizados sem atingir a delicadeza daquilo que é pré-verbal” (p. 154). Somente a atualização da transferência dá acesso às (de)formações primitivas. O texto *O medo do desmoronamento* (2000) contém uma passagem notável sobre o fenômeno do *après coup*, dizendo que: o desmoronamento pode ter acontecido no início da vida,

... o paciente deve se “lembrar”, mas não é possível se lembrar de alguma coisa que ainda não aconteceu, e essa coisa do passado ainda não aconteceu porque o paciente não estava lá para que isso tenha ocorrido nele. Nesse caso, a única forma de se lembrar é a que o paciente faça pela primeira vez, no presente, ou seja, na transferência, a prova dessa coisa passada. Essa coisa passada e a vir a ser torna-se então uma questão de aqui e agora, vivida pela primeira vez. (p. 211-212)

Os paradoxos desse texto: se lembrar daquilo que não aconteceu, viver no presente pela primeira vez a coisa passada, repetir aquilo que não aconteceu (que não teve lugar psíquico, comenta J.-B. Pontalis com razão)... esses paradoxos

16. A coisa está assinalada por Friedrich-Wilhelm Eickhoff, *On Nachträglichkeit: The modernity of an old concept. International Journal of Psychoanalysis*, n. 87, p. 1453-1469, 2006.

assinalam a presença a-lógica do *après coup*. Sobretudo, eles abrem à clínica dos traumas precoces e das feridas narcísicas a esperança de historicização, *breakdown* que abre o tempo.

Uma regressão profunda é a condição de possibilidade do surgimento transferencial do *breakdown*. Antes que a questão das regressões profundas no tratamento mobilize a reflexão teórica dos anos 1950,¹⁷ Freud (1937b) nas querelas com as inovações de Rank e Ferenczi, já havia destacado a forma alucinatória que reveste de maneira privilegiada o retorno transferencial dos acontecimentos esquecidos de todos os primeiros anos, quando a criança, no melhor dos casos, só dispõe dos primeiros elementos de palavra (p. 278-279). A questão pode assim se resumir, ainda que seja para forçar o traço: ou o movimento regressivo do tratamento permite reencontrar esse ponto onde a atuação do inconsciente tem a força que a alucinação lhe confere, ou “análise por nada”. O *après coup* dos traumas elementares, “ascensão à significação”, sua colocação no passado, sua historicização, sua transformação, esse *après coup* não está fora do acesso da experiência analítica; ele tem por condição o “presente absoluto” de alucinação. Impossível sustentar que essa condição é suficiente por si só, mas ela é necessária. “A prova inicial da *primitive agony*, diz Winnicott (2000), só pode se colocar no passado caso o eu não tenha podido recolhê-la antes na experiência temporal do seu próprio presente” (p. 210).

Essas proposições teóricas não teriam de nenhuma forma lugar de injunção técnica. Se a regressão é potencialmente fecunda, ela é também potencialmente perigosa. A regressão existe, é real... Emprego aqui, em delineamento, as palavras exatamente contrárias às de Lacan.¹⁸ A análise de Ida é um exemplo negativo. Se o tratamento dela não terminou, não foi por falta de um tempo suficiente passado no divã, mas sim porque nunca *começou*. Um dia Ida foi embora, como chegou. Entre as imagens exercendo sobre ela a mais forte impressão, havia a de um velho lobo solitário, muito velho para acompanhar a matilha errante no deserto glacial da montanha, último habitante do planeta. Era também a imagem da transferência, a de um impossível encontro, quando falta o mínimo necessário: dois seres em vida. Nas noites de insônia, freqüentes, ela escutava o registro do grito das baleias emergindo das profundezas do mar. Talento de plasticidade, Ida soube trabalhar o desaparecimento. Não soubemos, não pudemos fazer o movimento de

17. Sabe-se sobre o papel histórico do artigo de Winnicott (1954), “Aspectos metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico”, ao mesmo tempo em que Lacan sustenta o ponto de vista oposto: “A regressão não existe”.

18. “A regressão não é real”, in *Écrits*, p. 252. “A regressão não existe”, in *Le séminaire. Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, p. 128.

uma análise. Sem dúvida estivemos o mais perto possível, tão próximo quanto possível de um desmoronamento e de seu *après coup*, por ocasião de um sonho que transformava seu quarto de criança em um cemitério a perder de vista, onde as tumbas, numerosas, misturavam os homens e os animais preferidos. “Se é para chegar aqui”, ela disse em meio às lágrimas. De minha parte a dificuldade não era menor, incapaz de dissolver o pensamento de “fazer alguma coisa”, dar um murro para que a análise não seja “uma análise por nada”, a da imagem de um penhasco de onde a empurraria para ver no que isso daria.

O exemplo de Ida é o do fracasso de um processo analítico, ainda que seja sempre prudente relativizar o fracasso da mesma forma que o sucesso. O exemplo de Lorenzo é diferente, pois ressalta menos do fracasso que da atenuação do processo na direção de uma perspectiva psicoterápica à custa da análise propriamente dita. A lembrança muito lacunar, imprecisa, que Lorenzo tem de sua infância não permite de forma alguma sua reconstituição, a narrativa. Suas experiências precoces não são no entanto inacessíveis; os pequenos detalhes de sua vida de adulto demonstram a repetição. “O inferno, são os outros”, tudo na vida de Lorenzo ilustra essa máxima de Sartre. É também o sentido do trabalho psicoterápico, trabalhar para um apaziguamento das relações sociais. Andar na rua, por exemplo, é para Lorenzo um exercício perigoso. Ele não suporta sentir alguém atrás de si (!). Mas atravessar é igualmente arriscado, como se ameaçasse um veículo procurando atropelá-lo. Ele “não sabe” atravessar, e mais de uma vez, por um triz evitou a catástrofe. As filas de espera constituem igualmente para ele uma circunstância terrível. Há sempre alguém pedindo para passar na frente, roubando-lhe o lugar, espezinhando seu território. A palavra francesa *empiètement*, que traduz o inglês de Winnicott, *impingement*, tem o mérito de assinalar a dimensão territorial do narcisismo. Lorenzo não pára de se espezinhar.

O fantasma do soco no rosto pode ser visto sob dois ângulos diferentes. Primeiro, o da violência, da destrutividade. Não se trata simplesmente de matar o objeto; o cenário não é, propriamente dito, o de um assassinato. Antes de fazê-lo desaparecer, de aniquilá-lo, é a identidade do objeto que é visada pela destruição. O rosto não é uma parte do corpo, ele representa a dimensão *total* do objeto. Narciso é, em primeiro lugar, um rosto – que se olha, se reconhece e se ama. Para brincar com seu filho “oi, estou aqui”, basta à mãe esconder seu rosto e suas duas mãos e em seguida abrir para reaparecer – antecipação do jogo da bobina. Nenhuma outra parte do corpo materno teria essa utilização. O rosto é sobre o corpo a janela da alma. É ela que o soco repetido reduz a nada. O anonimato dos “personagens” do fantasma participa desse esvanecimento.

Visto sob outro ângulo, o cenário está a serviço do onanismo e da satisfação. Ele testemunha uma extraordinária transformação que não deixa nada a desejar à dos grandes SM de Stoller. Um trauma precoce misturado à indiferença e

ao ódio, o espezhamento e a intrusão, a destruição e o aniquilamento é metamorfoseado pela atividade libidinal em um cenário de realização de desejo! O trauma pode decorrer da pura destrutividade, sua transformação decorre de uma erótica, tida como particularmente sinistra.

Esse duplo ângulo em relação ao fantasma, repetição/transformação, destruição/satisfação, nos conduz à evolução freudiana em relação à doutrina do sonho. Enquanto prevalece a primeira tópica, o sexual, o infantil constitui o conteúdo do sonho, e este só tem como perspectiva realizar um desejo por vias deformadas. A segunda via traçada por Freud a partir de 1920 é mais sombria: o sonho é uma realização de desejo, mais exatamente a tentativa dessa realização. Pode acontecer de o sonho só conseguir impor sua finalidade de maneira muito imperfeita, devendo por vezes abandoná-la totalmente. A fixação inconsciente em um trauma é o primeiro nível de um desses impedimentos, que faz fracassar a plasticidade pulsional, as capacidades metamórficas do auto-erotismo. Os sonhos tornam-se “sonhos de recuperação”: “A atividade do trabalho do sonho, que queria transformar os traços mnêmicos do acontecimento traumático em uma realização de desejo fracassa” (1916-1920, p. 303; 1931-1936, p. 111). O sexual mudou de lado, não é mais o material trabalhado, mas o próprio trabalho. Ele era objeto da deformação e torna-se aquilo que transforma, o que abre para metamorfosear a destruição em satisfação. Por vezes com sucesso, mas nem sempre.

A vida sexual de Lorenzo é exemplar dessa função “traumática” (Ferenczi) da atividade libidinal. Nele o auto-erotismo e retorno ao fechamento autístico encontram dificuldade em se distinguir: ele se balançava muito, principalmente para dormir. Durante a psicoterapia, mencionará não o desaparecimento do balançar, mas a diminuição de sua amplitude. O gesto de sua masturbação é particular, a mão livre se aninhando no calor entre as coxas fechadas. Seu onanismo tem traços de dupla valência: de um lado, o mais manifesto, ele procura satisfação. Mas mais secretamente, ele visa o esgotamento (a atividade é compulsiva, cotidiana): chegar ao limite da raiva, do ódio, da tensão. Descarga mais que satisfação.

Sua própria homossexualidade participa dessa dupla dimensão. A ausência de história torna difícil pensar a psicogênese. Parece que a relação fraterna trouxe uma contribuição: o irmão também é homossexual, mas de outra forma. Entretanto, não se duvida que é na “ligação” com a mãe que a “escolha” sexual se construiu. A mãe de Lorenzo não é a de Leonardo (da Vinci). Ela seria mais o inverso absoluto, tão fria e indiferente quanto a outra é transbordante de sensualidade. Por um lado, a homossexualidade de Lorenzo encontra sua fonte no ódio persecutório. Mais ou menos com seu corpo relutante, em um contexto que reunia diversos parceiros, ele teve uma relação de penetração com uma mulher, apenas uma e única, sendo bem jovem nessa época. Ele descreve a cena cometendo um lapso: imediatamente após realizado o ato, correu para o banheiro para “lavar seu

sexo com água sanitária..., não, não era água sanitária, mas álcool a 90°”. “Água sanitária” para se livrar da mais tenaz das sujeiras, de impurezas; álcool a 90° para desinfetar a mais violenta das infecções, contaminações. Mas o essencial sem dúvida não está aí, parece mais resultar da transformação da intrusão-persecução, geradora de feridas primitivas, em desejo de sodomia (a qual o fantasma acrescenta o elemento de estupro). A exemplo do trabalho do sonho, a sexualidade de Lorenzo é a tentativa de transformar em realização de desejo uma grande fragilidade narcísica indissociável dos traumas precoces.

*

Quando Freud atribui ao tratamento o papel de corrigir os recalcamientos originários, ele inscreve a obra de transformação da transferência desse mesmo lado, o do tratamento libidinal e psíquico dos traumas precoces. Se o tratamento analítico dispõe desse poder, poder eventual, parcial, mas assim mesmo poder, de recolocar em jogo as primeiras cartas distribuídas, a que ele deve? No testemunho que dá de sua análise com Winnicott, Margareth Little traz uma resposta a essa questão tão involuntária que contraria o seu propósito explícito. A sexualidade infantil, ela escreve, “... só pode ser fora de propósito e sem significação nenhuma enquanto não se está seguro de sua própria existência, de sua sobrevivência e de sua identidade”.¹⁹ Todo o seu texto mostra o contrário, e inicialmente o próprio gesto desse testemunho, sua transgressão, verdadeira declaração de amor de transferência (não liquidado). Acrescentam-se ainda diversos detalhes, principalmente um vai-e-vem tresloucado entre vida sexual e vida analítica; e algumas ingenuidades: a “pequena Margaret” recebe como um sinal de maternagem os biscoitos que seu analista lhe oferece em algumas ocasiões no final da sessão. Como se nossas pequenas *madeleines* e os pequenos *cakes* deles visassem alimentar. Se a sexualidade infantil não se misturar à cozinha, nunca existirão biscoitos, presentes. Não há biscoito inocente! Margaret Little vem se tratar com uma questão vital, existencial (o que é “eu-mesma”?), mas é o amor de transferência que faz o trabalho de resolução, de transformação.²⁰

Com ou sem biscoito, a psicanálise é uma cena de sedução, essa que nasce do encontro entre o mais íntimo e o mais estranho e que permite ao fenômeno do *après coup*, descoberto com a teoria da sedução de se reencontrar no seu país natal. O gesto sedutor não consiste em outra coisa a não ser o enunciado da re-

19. Quando Winnicott trabalha nas zonas onde dominam as angústias psicóticas – um balanço pessoal, in *Transfert et états limites*.

20. A crítica não poupa Winnicott e sua “regressão à dependência” que ele espera poder proteger da vida pulsional.

gra fundamental: “diga tudo que se passa...”. O Homem dos ratos foi o primeiro a entender: conhecemos o que vem depois, a alucinação do suplício que fez com que se levantasse precipitadamente do divã para fugir do analista cruel. A genialidade de Freud ao instituir o duplo associação livre/escuta flutuante, foi ter submetido ao regime polimorfo e auto-erótico da sexualidade infantil a palavra do paciente e a escuta do analista. O trauma, este pelo qual a experiência psicanalítica é confrontada, não é sempre sexual, ou não apenas. Mas quanto ao seu tratamento, ele é sempre sexual; se o sexual (o infantil), sua polimorfia, sua plasticidade libidinal fracassa ao se imiscuir, ao impor sua exigência de transformação, então o tratamento psíquico fica comprometido.

Referências

ANDRÉ, J.; THOMPSON, C. (dir.). *Transfert et états limites*. Paris: PUF, 2002. (Petite bibliothèque de psychanalyse).

EICKHOFF, F.-W. On *Nachträglichkeit*: The modernity of an old concept. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 87, p. 1453-1469, 2006.

FERENCZI, S. (1931). *Psychanalyse – IV*. Paris: Payot, 1982.

FREUD, S. (1901-1905). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. VI.

_____. (1909-1910). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. X.

_____. (1914-1915). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XIII.

_____. (1915-1917). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XIV.

_____. (1916-1920). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XV.

_____. (1921-1923). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XVI.

_____. (1931-1936). *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XIX.

_____. (1937a). Analyse avec fin, analyse sans fin. In: *Résultats, idées, problèmes II*. Paris: PUF, 1985.

_____. (1937b). Constructions dans l’analyse. In: *Oeuvres complètes psychanalyse*. Paris: PUF, 2005. v. XX.

_____. (1938). *Abregé de psychanalyse*. Paris: PUF, 1949.

_____. (1939). *L’Homme Moïse*. Paris: Gallimard, 1986.

_____. *Lettres à Wilhelm Fliess 1887-1904*. Paris: PUF, 2006.

GREEN, A. La mère morte. In: *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Minuit, 1983.

LACAN, J. (1954-55). *Le séminaire. Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1978.

_____. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LAPLANCHE, J. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992.

PHILLIPS, A. *Jouer les mères. Nouvelle revue de psychanalyse*, n. 45, 1992.

STOLLER, R.J. XSM. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 43, 1991.

WINNICOTT, D. (1954). Les aspects métapsychologiques et cliniques de la régression au sein de la situation analytique. In: *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1971.

_____. *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris: Payot, 1974.

_____. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1975.

_____. Lettre à Lilli Peller, 15 avril 1996. In: *Lettres vives*. Paris: Gallimard, 1989.

_____. *La nature humaine*. Paris: Gallimard, 1990.

_____. *La crainte de l'effondrement*. Paris: Gallimard, 2000.

JACQUES ANDRÉ

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica da França (APF) filiada à International Psychoanalytic Association (IPA); Professor de Psicopatologia da Université de Paris 7 – Denis Diderot, França; Diretor do Centre d'Etudes en Psychopathologie et Psychanalyse (CEPP); Autor de Aux origines de la sexualité féminine; L'imprévu em séance e de Folies minuscules, entre outros livros e de numerosos artigos.

e-mail: andre.jac@wanadoo.fr